

A questão do tempo para Marcel Proust: reflexões sobre tempo, subjetividade e duração

The issue of time to Marcel Proust: reflections on time, subjectivity and duration

Maykon dos Santos Marinho

Graduado em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade- PPGMLS/UESB. Bolsista em nível de mestrado acadêmico pela CAPES.
E-mail: mayckon_ufba@hotmail.com

Luciana Araújo dos Reis

Pós-Doutora em Saúde Pública pelo Instituto de saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia/UFBA. Doutora em Ciências da Saúde (UFRN). Professora Adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professora Titular e Gerente de Cursos FAINOR.
E-mail: lucianareisfainor@hotmail.com

Resumo: Atualmente, somos prisioneiros do tempo contado em minutos, horas, dias, meses, anos. Estamos habituados a seguir calendários e agendas sem questionarmos o tempo. Deste modo, adotamos e manifestamos uma vivência cronológica do tempo, tendo o tempo como algo que flui lenta ou aceleradamente. Assim, o presente trabalho teve como objetivo refletir sobre o tempo proustiano e o rompimento da temporalidade enquanto sucessão linear. Para tanto, esse estudo apresenta as análises de Marcel Proust, presente na obra em busca do tempo perdido. A percepção do tempo na obra de Proust transcende o tempo social e cronológico, colocando-o numa escala subjetiva que recorre a experiências vividas para compreender as sensações do presente. Portanto, o assunto principal da obra é o Tempo. Não um tempo exterior, linear e homogêneo, mas um tempo duração, qualitativo e vivido.

Palavras-chaves: Tempo. Memória. Duração. Subjetividade.

Abstract: Currently, we are prisoners of time counted in minutes, hours, days, months, years. We are used to follow calendars and agendas without questioning time. Thus, we adopt and express a chronological experience of time, with time as something that flows slow or fast. The present study aimed to reflect on the Proustian time and disruption of temporality as linear succession. To this end, this study presents the analysis of Marcel Proust, present in the work *In Search of Lost Time*. The perception of time in the work of Proust transcends social and chronological time, placing it in a subjective scale that uses experiences to understand this sensations. Therefore, the main subject of the work is Time. Not an exterior time, linear and homogeneous but a long-term, qualitative and lived.

Keywords: Time. Memory. Duration. Subjectivity.

1 Introdução

O tempo sempre fez parte da vida do homem, logo, pode-se dizer que o tempo era e ainda é uma maneira de regulação da vida social e uma forma do homem se orientar no mundo. As comunidades antigas utilizavam as quatro estações do ano; os movimentos das marés, do sol, da lua, entre outros fenômenos da natureza como referências temporais. Com o desdobramento dos processos sociais e históricos, essas referências foram sendo substituídas pelos relógios e calendários, símbolos reguladores mais precisos e objetivos da vida cotidiana na sociedade atual (RODRIGUES, 2009).

Os instrumentos de contagem e medição do tempo são aspectos essenciais para a percepção temporal. De certa maneira, o relógio impõe ritmo ao cotidiano das pessoas e os calendários contam os anos, ditando o ritmo de vida dos indivíduos. Atualmente, as pessoas tornaram-se prisioneiras do tempo contado em segundos, minutos, horas, dias, meses, anos, décadas e milênios, ou seja, as pessoas habitualmente seguem calendários e agendas sem questionarem o sentido do tempo, o está acontecendo no momento presente, no agora. Os indivíduos adotam e manifestam uma vivência cronológica do tempo de forma intuitiva, tendo o tempo como algo que flui lenta ou aceleradamente.

Portanto, o que chamamos de “tempo” significa, antes de mais nada, um quadro de referência do qual um grupo humano – mais tarde, a humanidade inteira – se serve para erigir, em meio a uma sequência contínua de mudanças, limites reconhecidos pelo grupo, ou então para comparar uma certa fase, num dado fluxo de acontecimentos, com fases pertencentes a outros fluxos, ou ainda para muitas outras coisas (ELIAS, 1998, p. 60).

Contudo, a experiência do tempo não é universal, ou seja, não é a mesma para todos os grupos sociais e também não foi a mesma para os indivíduos em diferentes períodos do processo de civilização. A experiência do tempo para o homem da idade média foi diferente daquela que é vivida na atualidade pelas pessoas. Portanto, o tempo é uma convenção social em que sua forma de determinação é resultante de um processo de evolução que ocorreu ao longo de séculos numa ligação recíproca com o aumento de necessidades sociais específicas de coordenar e sincronizar o desenrolar das atividades humanas entre si (RODRIGUES, 2009).

Dessa forma, a noção de tempo é evidenciada pelas coerções temporais externas exercidas pela sociedade sobre os indivíduos, sob a forma de calendários e relógios, suscitando, assim, no desenvolvimento de uma autodisciplina que regula a relação do indivíduo com o meio social. As estruturas e instituições sociais vivem o tempo linear, ou seja, o tempo dos relógios, das horas, fragmentadas em minutos e segundos, e os indivíduos também vivem nesse tempo medido, pois dormem, estudam, trabalham, se divertem, de certo modo, determinados pelo tempo contado pelo relógio.

É possível perceber, atualmente, que os dispositivos de medição do tempo estão cada vez mais precisos e uniformes nas sociedades contemporâneas. Esses dispositivos regulam a vida, as relações e as atividades sociais e individuais de tal modo que o

tempo é percebido como algo que temos, que passa ou corre e que está em constante movimento. A regulação temporal está presente na vida das pessoas e das instituições e coexistem com o tempo, enquanto duração (BERGSON, 1999).

É importante salientar que o tempo real é o próprio acontecer das mudanças no cotidiano, é o tempo vivido e experienciado. Para os gregos, esse tempo é definido como *kairós* que diz respeito à dimensão vivencial do tempo, aos valores e à qualidade no uso do tempo subjetivo, enquanto *chrónos* denota o tempo objetivo, sequencial, linear, mensurável, quantitativo que perpassa horários, calendários e cronogramas que são inventados para adaptá-los à nossa existência na sociedade capitalista.

Compreender essas diferentes concepções de tempo, como processo vivido e experienciado no tempo social, tal como tempo físico, linear, cronológico, determinado por meio dos relógios e calendários, é fundamental para a discussão deste artigo, pois é nesse contexto que se buscará compreender o tempo na obra de Proust (1992).

A percepção do tempo na obra de Proust transcende o tempo social e cronológico, colocando-o numa escala subjetiva que recorre a experiências vividas para compreender as sensações do presente. O presente, nesse sentido, é posto como um ponto móvel determinado pela relação passado-futuro. Portanto, o assunto principal da obra é o Tempo. Não se trata de um tempo exterior, linear e homogêneo, mas um tempo duração, qualitativo e vivido.

Com o intuito de nos orientarmos de maneira eficiente no que diz respeito à compreensão do problema do tempo, adotou-se como referência O tempo recuperado, último volume de *Em busca do tempo perdido* de Marcel Proust (1992). Proust se põe a refletir sobre a essência da obra de arte e sobre a essência de sua própria obra: o tempo. Ao fazer a leitura desse volume, surge em nossa mente a imagem de um tempo fluido e ininterrupto como uma força que passa inexoravelmente transformando tudo: os corpos, as pessoas, as relações sociais e, até mesmo, a própria visão do autor.

A obra de Proust (1992) possui uma flexibilidade que lhe permite uma habilidade no tratamento do tempo, possibilitando múltiplas variações, não só de ordem e duração no andamento, mas também de centros de interesses que associam diversas histórias com elementos diferentes da forma, tais como digressões, expressão lírica ou poética, apresentação dramática.

O romance de Proust (1992) tem seu ritmo marcado pelo tempo, portanto, está sujeito a constantes transformações. Configura-se, assim, a obra de Proust (1992), mostrando uma subjetividade em confronto com o mundo sob a primazia do tempo. Mas esse confronto se altera historicamente, provocando também a modificação na estrutura do próprio romance. Dessa forma, a obra de Proust (1992) evidencia o conflito entre o tempo vivido e o tempo cronológico.

Diante do exposto, o objetivo deste estudo é refletir sobre o tempo proustiano e o rompimento da temporalidade enquanto sucessão linear. Para tanto, apresenta as análises de Marcel Proust, na obra *Em busca do tempo perdido* (1992), Gilles Deleuze, na obra *Proust e os signos* (2003) e Henri Bergson, na obra *Matéria e memória* (1999).

2 O tempo

Proust (1992) procurou narrar o tempo em sua obra *Em busca do tempo perdido*, sendo esta uma tarefa nada fácil. O autor faz uma análise sobre a obra de arte e o tempo, desenvolvendo uma reflexão sobre o papel da memória. De acordo com Proust (1992), somente a memória involuntária poderia resgatar, das profundezas adormecidas, o passado remoto esquecido com o passar dos anos.

Dessa maneira, a memória involuntária é fundamental na obra proustiana, porque a memória involuntária tem a capacidade de fazer vir à tona as reminiscências que trazem de volta o passado que é a própria matéria com a qual Proust (1992) se põe a dar forma literária, remodelando-o com as mãos do tempo artesão, que modifica incessantemente aquilo que recria. E assim, de acordo com Proust, foi por meio da memória involuntária que “então surgiu em mim uma nova luz, que me fizera perceber que a obra de arte era o único meio de Recuperar o Tempo Perdido. E compreendi que todos esses materiais da obra literária eram minha vida passada” (PROUST, 1992, p. 205).

À vista disso, a memória involuntária revelou a Proust, como uma intuição, a forma e o conteúdo que teria a sua obra: o tempo. Contudo, essa percepção do tempo dá-se por meio de uma sensação presente unida a uma impressão passada, ambas sentidas simultaneamente, que remetem a um conteúdo extratemporal, no qual se poderia encontrar a essência das coisas e a verdade que Proust buscava para compor sua obra de arte. Para Proust (1992), a realidade é uma relação entre sensações e lembranças; não existe presente puro, sem influência do passado, haja vista que toda sensação presente está revertida de alguma lembrança do passado.

Verifica-se que existe um “gatilho” que foi o motivo do “disparo”, ou seja, um estímulo do presente que se dirige ao passado na busca do registro que já existe, mas que naquele momento estava como “adormecido”, latente, e acaba de ser presentificado. É possível perceber nos episódios das pedras, do guardanapo e da Madeleine a evocação das paisagens interiores de sensações consubstanciadas em impressões e guardadas no fundo da memória, de onde nunca poderiam ser retiradas pela inteligência rememorativa, sendo assim, somente um instante extratemporal, por meio da memória involuntária, poderia revelar a Proust a essência da vida e da arte.

Por conseguinte, por meio da memória, seriam trazidas do fundo do passado inconsciente as impressões deixadas pelo Tempo. Assim é que, na recepção da princesa de Guermantes, Proust (1992) revela a essência da obra de arte: recriar pela memória as impressões e transformá-las em equivalentes da inteligência.

Ora, a recriação, pela memória, de impressões que a seguir era necessário aprofundar e esclarecer transformarem equivalentes da inteligência, não seria esta uma das condições-quase a essência mesma da obra de arte tal como a concebera há pouco na biblioteca? (PROUST, 1992, p. 347).

Destarte, a essência da obra de arte é uma essência subjetiva e temporal que tem por condição a memória, seguida das impressões deixadas pelo tempo. E esse tempo, segundo Proust (1992), não se trata de um tempo exterior, linear, mas de um tempo

duração, qualitativo e vivido. Um tempo em estado puro, guardado na interioridade da memória, longe das deformações da exterioridade.

Esse tempo duração tem um papel essencial na obra Proust (1992); uma vez que buscar o tempo perdido e revelar o Tempo essencial, e com ele a verdade do que foi vivido de maneira tão fugaz, é o que Proust (1992) busca fazer. Esse tempo interior é ainda vivente na memória, e é no passado que Proust encontra a matéria primordial de sua obra. Em vista disso, é no interior de sua própria memória que Proust mergulha em busca da forma ao seu romance, voltando sua atenção não para a observação exterior dos fatos ocorridos, mas para o seu próprio interior, em busca das impressões retidas nas profundezas da memória, com a passagem das vivências dos acontecimentos exteriores.

As impressões interiores diferenciam-se dos fatos exteriores, um acontecimento qualquer efêmero em sua existência exterior ao qual não levou mais do que alguns minutos ou segundos marcados pelo relógio, pode ser narrado por Proust (1992) em páginas e páginas de seu romance. A duração desse fato depende da duração interior do indivíduo e não da sua existência exterior, isto é, o mais simples dos fatos narrados por Proust (1992) pode ter uma espessura e uma intensidade que a observação simplesmente do exterior não consegue revelar em sua profundidade. As impressões dos fatos dependem da subjetividade de cada indivíduo que lhe confere um novo significado de acordo com a dimensão de sua duração no tempo interior.

Desse modo, para Proust, o Tempo tem uma dimensão interior que faz com que “uma hora não é apenas uma hora, é um vaso repleto de perfumes, de sons, de projetos e de climas” (PROUST, 1992, p. 195), assim sendo, uma hora pode possuir qualidades únicas em conformidade com o modo como é vivenciado pela consciência psicológica. Essa hora vivida pode ser muito intensa, ou pode ser também muito vazia e sem sentido, dependendo do estado psicológico da consciência do indivíduo naquele momento.

Então, o Tempo no romance de Proust (1992) não se refere ao tempo cronológico, histórico, com a sucessão de acontecimentos e datas, linear e orientado, não se refere ao tempo do relógio, mas a um tempo absoluto, psicológico, que dura. O Tempo de Proust (1992) é um tempo denso, cheio de diferenças. Cada minuto é aquilo que nele se viveu, se pensou ou se sentiu, não é um tempo que vai necessariamente ao futuro, mas um tempo que pode voltar ao passado já vivido e encontrar aí significado para o presente. Esse tempo pode sobrepor vários momentos passados ao presente vivido, quebrando, assim, a aparente linearidade e sequência espacial.

Dessa maneira, Proust (1992) apresenta, ao longo da sua obra, o personagem se deparando com diversas espécies de signos que devem ser objeto de um trabalho interpretativo ou criativo. É exatamente por meio do desdobramento dos diferentes tipos de signos que o personagem vai aos poucos desdobrando a si próprio, isto é, se constituindo, descobrindo, redescobrando ou inventando as verdades que se encontram implicadas em sua trajetória de vida.

E é nessa trajetória que os signos podem se constituir em uma relação essencial com o tempo. Essa relação com o Tempo se encontra expressa por toda a obra de Proust (1992), até mesmo nos próprios títulos e subtítulos do romance, como, por exemplo, tempo perdido e tempo recuperado. Sendo assim, de acordo com Deleuze

(2003), *Em busca do tempo perdido* apresenta não somente uma concepção plural do signo, mas igualmente uma concepção plural do tempo, que se contrapõe a uma concepção puramente cronológica do mesmo.

Dessa maneira, Deleuze (2003) apresenta quatro tipos de signos na obra proustiana: os signos mundanos, os amorosos, os sensíveis e os artísticos. Observa-se igualmente, na obra, quatro variações ou processos temporais que lhe são imanentes. São elas: tempo perdido, tempo que se perde, tempo redescoberto e tempo original ou absoluto. A cada tipo de signo corresponde uma linha privilegiada de tempo. Por exemplo, os signos mundanos participam mais ativamente de um tempo que se perde: por serem signos frívolos, vazios, eles denotam um tempo que o personagem “esperdiça” em seu percurso (DELEUZE, 2003).

É importante ressaltar que os tempos inerentes aos signos mundanos, amorosos e sensíveis são inseparáveis de certa trajetória vivida pelas andanças do personagem. Portanto, eles são inseparáveis dos movimentos realizados pelo personagem nos vários ambientes sociais, induzindo-nos a pensar e a privilegiar o movimento, o caminhar do personagem.

O mundo dos signos mundanos nos conduz a pensar no tempo perdido, “na passagem do tempo, na anulação do que passou e na alteração dos seres” (DELEUZE, 2003, p. 16). Os signos do amor compreendem o tempo perdido no estado mais puro, pois eles contêm sua alteração e sua anulação, “o amor não para de preparar seu próprio desaparecimento, de figurar sua ruptura” (DELEUZE, 2003, p. 17). O tempo redescoberto se revela de alguma maneira nos signos sensíveis, que refazem a experiência sensível vivida, mas existe uma bivalência que determina imperativamente a perda. Ao despertar a memória involuntária, os signos sensíveis permitem que se reconheça na memória “a estranha contradição entre a sobrevivência e o nada” (DELEUZE, 2003, p. 11). Os signos da Arte ligam-se ao tempo original absoluto, para Deleuze.

A cada espécie de signo corresponde, sem dúvida, uma linha de tempo privilegiada. Os signos mundanos implicam principalmente um tempo que se perde; os signos do amor envolvem particularmente o tempo perdido. Os signos sensíveis muitas vezes nos fazem redescobrir o tempo, restituindo-o no meio do tempo perdido. Finalmente, os signos da arte nos trazem um tempo redescoberto, tempo original absoluto que compreende todos os outros. Mas, se cada signo tem sua dimensão temporal privilegiada, cada um também se cruza com as outras linhas e participa das outras dimensões do tempo (DELEUZE, 2003, p. 24).

Sendo assim, Deleuze (2003) confere certo privilégio aos signos artísticos, uma vez que eles são os signos capazes de revelar a essência do artista, da trajetória e da própria arte. Os outros signos possuem uma importância parcial na medida em que conduzem o artista, passo a passo, aos signos essenciais da arte. Assim, cada signo participa de todas as linhas do tempo, justamente porque cada linha reage sobre as demais, revelando verdades que não seriam acessíveis ao artista caso o aprendizado não envolvesse todos os signos e todos os tempos. Portanto, o tempo original é o tempo que contém todos os outros, que reage sobre todos os demais, revelando as verdades

dos signos mundanos, amorosos e sensíveis, verdades até então desconhecidas por Proust, que acreditava estar simplesmente “perdendo tempo”. Dessa maneira, de acordo com Deleuze,

é no tempo absoluto da obra de arte que todas as outras dimensões se unem e encontram a verdade que lhes corresponde. Os mundos de signos, os círculos da Recherche, se desdobram, então, segundo linhas do tempo, verdadeiras linhas de aprendizado; mas, nessas linhas, eles interferem uns nos outros, reagem uns sobre os outros. Sem se corresponderem ou simbolizarem, sem se entrecruzarem, sem entrarem em combinações complexas que constituem o sistema da verdade, os signos não se desenvolvem, não se explicam, pelas linhas do tempo (2003, p. 24).

Desse modo, cada regime de signos possui uma relação própria com o tempo, relações essas reveladas pelo último tipo de signos. A arte pode liberar o tempo em seu estado puro e trazer o tempo recuperado, ou melhor, a obra de arte é o único meio pelo qual o tempo pode ser redescoberto. A arte é que dá, inclusive, o sentido da relação dos outros tipos de signos com o tempo.

Tanto os signos mundanos como os signos amorosos apresentam a estrutura do tempo perdido, no sentido de alguém que “perde tempo”. Porém, essa estrutura do tempo ligada a esses dois regimes de signos, do tempo como algo perdido, apresenta-se de modo heterogêneo, pois se relaciona diferentemente com cada um dos tipos. No amor, em razão do ciúme, o tempo perdido é como que antecipado, já preparado para o seu fim e desaparecimento. O tempo perdido no amor, nesse sentido, é mais puramente perdido, mais irrecuperável. O que acontece com o tempo no campo dos signos mundanos é que esse signo se relaciona paralelamente com o aprendizado, que o personagem pode compreender apenas quando construir sua obra.

Já vimos de que modo Deleuze (2003) se utiliza da obra de Proust (1992) quando da formulação de seu conceito de tempo. Contudo, o pensamento de Bergson é igualmente importante para o filósofo francês no que diz respeito a essa problemática, como se pode observar em seu livro “Matéria e Memória”, tomando como ponto de partida alguns conceitos fundamentais da filosofia de Bergson, a exemplo dos conceitos de atual e virtual.

Uma das principais teses de Bergson (1999) acerca do tempo é provavelmente a de que o passado se conserva em si próprio. Ao contrário de uma concepção puramente cronológica do tempo, em que o passado é pensado simplesmente como um presente que passou, isto é, como um presente que avança em direção a um futuro, Bergson (1999) nos apresenta a ideia de um passado que coexiste com o presente ou, mais ainda, de um passado virtual que coexiste com seu presente atual.

Compreende-se que em uma concepção cronológica do tempo, o passado não existe propriamente, não possui uma natureza real. O que existe são presentes que se sucedem, sendo que o futuro também é uma simples possibilidade, na medida em que ele pode ou não vir a acontecer. Todavia, para Bergson (1999), o virtual é tão real quanto o atual, ele comporta tanta realidade quanto atual. Pois bem, se o virtual é real, é porque ele afetivamente existe. E se o passado é uma virtualidade que pode ou não ser atualizada, isso significa dizer que ele possui uma existência em si, que ele

comporta uma realidade própria, independentemente de um presente no qual ele poderia se atualizar.

A afirmação de Bergson (1999) de que o passado se conserva em si mesmo diz respeito, em última instância, ao fato de que o passado existe de forma concreta, ele é uma realidade, e por ser real ele coexiste com o presente. Portanto, para Bergson (1999), o tempo não se desdobra somente de forma sucessiva, e sim de forma simultânea.

Bergson (1999) aborda um tempo vivido, um tempo que diz respeito à experiência do indivíduo, um tempo diferente do tempo mensurável pela física, criado pelas ciências positivistas. De acordo com Bergson (1999), o tempo dos filósofos e dos cientistas oculta a natureza do tempo real, pois o tempo da experiência vivida é sucessão, mudança, criação, memória e continuidade, ou seja, está vinculado aos acontecimentos físicos e psicológicos. Assim sendo, o tempo passa continuamente modificando tudo e constitui a própria essência do real, pois se caracteriza como o instante vivido. Com efeito, o tempo real é a duração vivida no fluxo dos acontecimentos. Sendo assim, Bergson (1999) nega a existência de um tempo objetivo, quantitativo, que pode ser medido. Ele concebe o tempo como duração do momento vivido ou da experiência vivenciada.

Bergson (1999) propõe pensarmos o tempo como um fluxo ou mesmo como uma duração, ou seja, as coisas duram, mas também mudam. Isso implica dizer que a sucessão é contínua, mas também passível de mudança, por isso a mudança é heterogênea. Para Bergson (1999), toda mudança é o mesmo que memória. Então, Bergson reflete sobre o tempo duração como sendo um movimento interno, ininterrupto, indivisível e contínuo, onde a memória prolonga o passado no presente.

Conforme assinala Bergson (1999), o Tempo é duração, e nele não há uma relação de sucessão e nem de linearidade, passado e presente coexistem e são contemporâneos. O passado não segue o presente e o presente não precisa se efetuar para que se constitua um passado, pois ambos se atualizam ao mesmo tempo, ou seja, há a coexistência de múltiplos planos temporais.

3 Considerações finais

Foi possível observar no romance de Proust (1992) o papel essencial do tempo que tem a memória como forma de acesso ao tempo vivido. Nesse sentido, o tempo é aquilo que passa incessantemente e, portanto, dura essencialmente, tanto para Bergson (1999) quanto para Proust (1992). Assim, o romance de Proust (1992) rompe-se com a linearidade do tempo, percorrendo entre diferentes planos temporais, em movimentos descontínuos. Esse movimento anti-linear ocorre devido à existência de outra modalidade de temporalidade, chamada por Bergson (1999) de duração, que faz com que o tempo fuja da linearidade. E, sendo assim, a duração se aproxima do tempo subjetivo, ao invés do tempo objetivo (cronológico). É o tempo das vivências, das intensidades, é o tempo que não está sob a égide da cronologia.

Referências

BERGSON, H. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DELEUZE, G. *Proust e os Signos*. São Paulo: Forense Universitária, 2003.

ELIAS, N. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

PROUST, M. *Em Busca do Tempo Perdido: o tempo recuperado*. 10. ed. 7 vol. São Paulo: Globo, 1992.

RODRIGUES, E. S. S. *A organização do tempo pedagógico no trabalho docente: Relação entre o prescrito e o realizado*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2009.